

Geometria dos bueiros: um convite ao caminhar pelas cidades

Julia de Carvalho Resende

Mestranda no PPG Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

A presente pesquisa surge de uma investigação artística sobre a paisagem gráfica da cidade, tendo como recorte as tampas dos bueiros do município do Rio de Janeiro. A pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório, conta com uma abordagem interdisciplinar e constitui-se na interseção entre urbanismo e design. A pesquisa toma como ponto de partida a perspectiva de que pensar a cidade a partir do chão é um ato de resistência ao modelo da metrópole contemporânea. Desta forma, o objetivo da pesquisa é provocar um olhar para a poética do espaço urbano e das suas superfícies comunicacionais – que só podem ser apreendidas pelos caminhantes da cidade. A partir da análise dos padrões visuais presentes nas tampas dos bueiros, elementos ubíquos e fundamentais para o funcionamento das redes subterrâneas da cidade, busca-se refletir sobre as questões relacionadas ao pedestre no ambiente metropolitano e os limites do design e da experiência com a cidade.

Palavras-chave: paisagem gráfica, tampas de bueiro, poética do espaço urbano, experiência urbana, design

Introdução

Diariamente interagimos com calçadas, guias e semáforos que formam a paisagem urbana comum a praticamente todas as cidades contemporâneas. Circulamos pelas cidades com pouca ou nenhuma atenção aos elementos que foram colocados ao longo do caminho. Uma caixa com um botão colocada em um poste localizado em um cruzamento de ruas tem a importante função de gerenciar o fluxo de tráfego. Uma guia cria a divisão segura e necessária entre o espaço da rua, dos veículos, e o espaço da calçada, das pessoas. Uma tampa de bueiro permite que trabalhadores municipais acessem a infraestrutura subterrânea. Mas o que estes elementos contam sobre as cidades onde habitam? Que histórias – e tempos históricos – esses elementos carregam? Poderiam eles ter algum valor cultural ou estético? Como o design destes elementos destaca aspectos culturais importantes?

A relação entre arte e espaço urbano é multifacetada e amplamente estudada por artistas, críticos de arte, designers, arquitetos, historiadores, entre outros¹. Não é de hoje que se discute a capacidade que a arte, nos espaços públicos, tem de transformar espaços comuns em pontos de interesse, convidando os pedestres a explorar, desviar, se apropriar e interagir com as obras de arte. Desde edifícios históricos com suas técnicas e ornamentos, grandes esculturas, até mais recentemente o grafitti, são alguns os temas que põem em jogo a intrincada relação entre a arte e o espaço público.

¹ A separação entre saberes e entre a Arte e a arte é recente e, portanto, podemos dizer que sempre houve um componente artístico, seja ornamental e decorativo, seja em uma arte mais próxima da etimologia original da palavra, ou seja, técnica. Mesmo no modernismo, em que o lema de Benjamin Constant de “arte pela arte” é levado ao limite pelos artistas visuais, esculturas sempre se fizeram presentes no espaço urbano – ora para decorar um espaço, homenagear uma personalidade, ou mesmo confrontar o pedestre.

Giulio Carlo Argan, em sua obra “História da Arte como História da Cidade” (1983), argumenta que a arte não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser vista no contexto das mudanças urbanas, sociais, políticas e econômicas. A forma urbana e as expressões artísticas contribuem para a identidade e o caráter das cidades, refletindo e, ao mesmo tempo, moldando o ambiente urbano.

O autor, que analisava Roma, propunha um olhar sobre a relação arte-espço em uma cidade com diversas camadas de história superpostas. Basta caminhar pela cidade para atestar que Roma é um museu a céu aberto. Cada esquina constrói a história da arte ao mesmo tempo em que inscreve a história da cidade.

A visão que Argan propõe pode parecer romântica em certo sentido e localizada em cidades históricas europeias. No entanto, se pensarmos o pedestre como o ator necessário para que a relação arte-história-cidade aconteça, vemos que há um cunho político nesta proposta. A visão da cidade como obra de arte é a visão do chão, do caminhante – e não a visão do carro, em movimento.

Em consonância com Argan, Certeau faz crítica à cidade modernizada pelos arranha-céus. A cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas (CERTEAU, 1998, p. 171). Neste sentido, a cidade funciona mais como um conceito operatório, do que uma prática do chão. Certeau propõe, então, retóricas ambulatórias a partir das caminhadas, uma escritura e vivência da cidade a partir do chão e do corpo – em lugar de uma visão divina que compreende a cidade a partir de um olho fora de cena².

Jan Gehl, arquiteto e urbanista dinamarquês, também deflete a ideia de uma cidade para as pessoas. Ele acredita que o design urbano centrado nas pessoas deve integrar elementos artísticos e culturais para criar espaços públicos não só funcionais, mas também atraentes e convidativos ao habitar comum. Gehl acredita que a qualidade dos espaços urbanos pode influenciar diretamente a vida cotidiana.

Caminhar é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente o espaço natural e antrópico. O livro “Walkscapes: El andar como práctica estética” (2014) conta a história da percepção da paisagem através do ato de caminhar, do nomadismo primitivo às vanguardas artísticas do início do século XX, especialmente o movimento Dadá e o Surrealismo, e, posteriormente à Internacional Situacionista. Careri remonta a algumas propostas históricas que conceberam o ato de caminhar não apenas como ferramenta de configuração da paisagem, mas como forma de arte autônoma, instrumento estético de conhecimento e modificação física do espaço percorrido, ou seja, uma intervenção urbana. Neste sentido, para o autor, a arte se faz também no/com o ato político de caminhar, vivenciar a cidade desde o chão.

No entanto, ao se pensar a relação do design com os espaços urbanos, ainda é comum se ver estudos relacionados a um viés funcionalista do design, que consideram aspectos técnicos em detrimento da poética. No âmbito urbano, muitas pesquisas se concentram em elementos relacionados

² Certeau faz uma oposição entre caminhantes e voyeurs (CERTEAU, 1998, p. 169-170). Enquanto Harun Farocki referiu-se à navegação como um desafio contemporâneo similar à montagem – edição de seções distintas de filme numa sequência contínua – como o paradigma dominante da visualidade tecnopolítica (HOLERT; MENDE, 2023). Isso porque, para Farocki, em vez de enquadrar ou representar o mundo, a arte da navegação atualiza e ajusta continuamente múltiplos enquadramentos a partir de pontos de vista dentro e fora do mundo. A navegação é, portanto, uma prática operacional de síntese de várias ordens de grandeza.

ao mobiliário urbano, à sinalização (*wayfinding*), às redes de informação da cidade e às interfaces de visualização desses dados, e até ao design³ de uma cidade inteira.

Todavia, vale destacar que o design está presente em toda urbe. Com uma variedade extraordinária de técnicas, funções, atitudes, estilos e valores, o design dá forma à cultura material seja por meio de produtos, imagens e até de narrativas imateriais que impactam na qualidade do meio ambiente e do cotidiano daqueles que habitam e circulam nesses espaços. Compreender que outros tipos de pesquisas em design podem ser feitos a partir de uma prática de alteridade na cidade é mister para ampliar a própria compreensão do que é fazer design.

Jacques, em “Elogio aos errantes” (2012) dá luz a um “tipo de experiência cada vez mais rara nas cidades contemporâneas: a experiência urbana da alteridade” (JACQUES, 2012, p. 11). A autora tece uma crítica ao empobrecimento da experiência da alteridade na modernidade e ao choque metropolitano moderno que resultou no estado de anestesiamento contemporâneo. Os errantes a quem Jacques tece elogio são aqueles que realizam errâncias urbanas:

A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade, levantada por Walter Benjamin e retomada por Giorgio Agamben, que radicaliza a questão ao sugerir o que seria uma expropriação da experiência (JACQUES, 2012, p. 19).

As narrativas urbanas que emergem das experiências vividas pelos errantes, assim como suas formas de transmissão e compartilhamento, podem atuar como poderosos agentes de dissolução de certas partilhas hegemônicas, especialmente, do atual estado de anestesia das experiências sensíveis.

Tomando como ponto de partida a perspectiva de fazer cidade a partir desses autores, a presente pesquisa surge de um mapeamento de aspectos gráfico-comunicacionais presentes na cidade do Rio de Janeiro, feito a partir de caminhadas. A pesquisa baseia-se na tese de doutorado da professora Joy Till, “Paisagem gráfica da cidade: um olhar sobre o Rio de Janeiro” (2014), com a diferença de concentrar-se sobre um único elemento, a interface comunicacional e artística das tampas dos bueiros da cidade.

Esleveu-se este elemento por ser, aparentemente, um objeto puramente funcional, amplamente presente – e necessário – na infraestrutura urbana. O trabalho busca tensionar a ideia de funcionalidade, ao mesmo tempo em que traça um breve panorama entre a relação das tampas de bueiros com a poética e a história das cidades. De cunho qualitativo e exploratório, o artigo faz uma breve revisão narrativa da literatura acerca das artes das tampas de bueiro, junto com uma investigação artística experimental a partir de um levantamento na cidade do Rio de Janeiro.

³ A relação entre design e projeto de cidade se faz mais presente em países de língua inglesa que compreendem o termo design em ampla extensão de significação, como aponta Latour (2008). Recentemente, o renomado arquiteto Norman Foster fundou um instituto homônimo (Norman Foster Institute) que oferece cursos para repensar designs mais sustentáveis para cidades.

As interfaces comunicacionais da cidade, uma breve revisão da literatura

Segundo Till (2014), os humanos têm, desde a sua origem, a vocação a capacidade de se comunicar através das superfícies. Exploramos a linguagem gráfica do modo que conseguimos, com os recursos que dispomos à época, para divulgar uma ideia, tenha ela uma intenção de comunicação imediata ou seja uma manifestação de expressão pessoal (TILL, 2014, p. 49). De forma profissional ou amadora, a cidade opera como uma grande interface comunicacional humana. Segundo a autora:

Ver o que muito raramente reparamos, como os sinais de direção nas estradas já conhecidas, os quais ultrapassamos em carros velozes. As inscrições ou nomes de prédios familiares, aqueles caracteres encontrados nos objetos mais mundanos do nosso dia a dia, no espaço urbano. Informações que já nem percebemos pois não nos são necessárias (...) são contribuições para as nossas cidades e áreas interioranas, que podem ser percebidas num nível mais humano (TILL, 2014, p. 50).

Investigar as camadas da cidade a partir do design de elementos cotidianos não é uma empreitada nova. Till (2014) apresenta pesquisas de outros autores que estudam os aspectos comunicacionais das cidades, em sua grande maioria a partir de elementos tipográficos que compõem placas, letreiros, sinalizações etc. Nesta investigação, destacam-se Priscila Lena Farias e Anna Gouveia (FAU-USP) com as transformações tipográficas de São Paulo, inclusive de lápides de cemitérios. Bruno Porto, no livro “Memórias Tipográficas” (2003) documentou e analisou letreiros de lojas nos bairros de Laranjeiras, Flamengo, Largo do Machado, Catete e adjacências. Além deles, destacam-se outros designers e pesquisadores, como Finizola (2010), Salvado, Martins e Nepomuceno (2019), Pereira e Amorim (2016), Eller (2014) entre outros, que investigam tipografia vernacular e aleatória feitas por não-designers.

No âmbito internacional, destacam-se os pesquisadores Catherine Dixon e Phil Baines. Dixon e Baines investigam a relação entre escrita e espaço e realizaram uma pesquisa de dez anos em torno de placas de sinalização de Londres, publicada no livro “Signs: lettering in the environment” (2008). Baines e Dixon, tipógrafos e professores na Central Saint Martins, em Londres, propunham caminhadas pela região central da cidade com seus alunos de design gráfico. Sua busca concentrava-se em letras espalhadas pelo espaço público – desconsiderando os painéis publicitários, os letreiros das lojas e a maioria das identidades corporativas. Para os autores, grande parte do prazer deste tipo de caminhada é encontrar a cada percurso novos artefatos.

Embora haja um amplo interesse no mapeamento de tipográfico da paisagem urbana, ainda são poucos os designers que investigam os aspectos comunicacionais das tampas de bueiro, com destaque para a designer Marina Willer e para o grupo alemão Raubdruckerin.

Willer iniciou sua pesquisa em 2016, nas ruas de Londres. Sócia da Pentagram, um dos mais renomados escritórios internacionais de design gráfico, Willer publicou um livreto do mapeamento de tampas de bueiro de algumas ruas de Londres, de Islington a Kensington. A publicação, de tiragem limitada, ganhou o nome de “Overlooked” (2016) e consiste em vinte e duas impressões em cores neon para apresentar essas tampas de bueiro como exemplos impecáveis de design industrial, entrelaçadas em todo o tecido funcional de uma cidade. Além dos livretos, diversos posters foram impressos e dispostos em uma exposição durante o London Design Festival do mesmo ano.

De acordo com o site do projeto, “a esperança da Pentagram é que ‘Overlooked’ possa servir como um lembrete de que a beleza de uma cidade não se limita às galerias de arte ou à grande arquitetura, e que o design complexo está em toda parte”. O projeto venceu diversas premiações da área e hoje faz parte da coleção permanente do Victoria & Albert Museum.

Já o coletivo Raubdruckerin, criado pela artista gráfica Emma-France Raff, utiliza símbolos típicos das cidades – especialmente tampas de bueiros – para estampar camisetas, moletons, ecobags etc. O coletivo começou em 2005, na região do Alentejo, em Portugal, e ao longo do tempo já percorreu outras cidades como Berlim, Paris, Bruxelas, Madri, Lisboa, Viena, Budapeste, Praga e Roma. O nome é uma brincadeira com a ideia de “piratear” estampas que pertencem à superfície gráfica da cidade.

Ambos seguem uma tradição de pesquisa histórico-visual iniciada pelos Melnick. Os pioneiros na investigação de tampas de bueiros foram o casal Mimi e Robert Melnick – ela historiadora, ele fotógrafo. Em 1974, eles publicaram “Manhole Covers of Los Angeles”, um pequeno livro cheio de registros fotográficos das tampas de bueiros da cidade de Los Angeles, nos EUA. Impresso em um formato pequeno e em edição limitada, rapidamente se esgotou e agora é um item raro de colecionador. O livro serviu como base para outra publicação dos Melnick, “Manhole Covers” (1994), com mais de 200 fotografias e uma narrativa extensa documentando do hardware de rua – termo cunhado pelo casal – por todo os Estados Unidos e discutindo a história de seu uso, fabricação e função.

Um assunto a princípio trivial tornou-se poético nas mãos dos Melnick. Sua leitura hieroglífica das tampas revelou um capítulo da história urbana a partir dos logotipos e marcas desses antigos discos. Além disso, os desenhos das tampas oferecem uma variada gama criativa de padronagens. Há tampas quadradas, tampas convexas, tampas perfuradas. As mais antigas carregam cruzeiros em relevo, grades de waffles, diamantes vazados, estrelas radiais, padrões florais e trilhas de colmeia. Os diferentes desenhos correspondem a uma tipologia igualmente diversa de formas e funções: tampas de acesso, ventiladores, tampas de carvão, grelhas, ralos, tampas de vapor, tampas de medidores etc.

Seguindo o caminho dos Melnick, a fotógrafa, escritora e historiadora Diana Stuart, começou uma empreitada parecida na cidade de Nova York (EUA). Seu livro “Designs Underfoot” (2003), cobre os cinco distritos municipais, além de áreas sob a jurisdição da Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey. Seu trabalho serve como uma referência visual à “arqueologia urbana” e como documentação para apoiar os esforços de preservação da cidade. Tanto os Melnick, quanto Stuart defendem a importância histórica e cultural que esses objetos de ferro possuem.

Já o artista Remo Camerota, outro especialista no assunto, no livro “Drainspotting” (2010), investigou o fenômeno do design das tampas de bueiro no Japão. Diferente dos EUA, o Japão tem uma relação emblemática com estes artefatos, que no país se tornaram verdadeiras obras de arte.

Isso aconteceu, pois na década de 1980, o Japão precisou atualizar e instalar novos sistemas de esgoto, energia e água em todo o país e o custo associado a essas reformas não foi visto de forma positiva pelo povo (CAMEROTA, 2010, p. 7). No entanto, o desenvolvimento do design das tampas de bueiro dessa nova rede subterrânea de infraestrutura foi concebido quando a economia japonesa estava começando a florescer. Os conselhos municipais procuravam maneiras de tornar suas comunidades esteticamente agradáveis e começaram a encomendar tampas de bueiro cujo design representasse cada prefeitura e região.

As tampas tornaram-se, assim, símbolos de identidade local e melhoraram a imagem dos novos sistemas de esgoto no Japão, junto à população. De uma percepção de sujeira, os artefatos

passaram a ser vistos como orgulho comunitário (ibid., p. 10). Hoje em dia, 95% dos municípios japoneses têm um design personalizado nas tampas de bueiro, representando características do seu território e da sua comunidade. Os desenhos variam de imagens que evocam a identidade cultural de uma região, flora ou fauna, a marcas e festivais locais (figura 1).

Figura 1



Fonte: Drainspotting by Remo Camerota

A transformação urbana que as tampas de bueiro proporcionaram no Japão gerou um outro fenômeno: a *manhoru mania* – uma comunidade online dedicada a registrar essa arte urbana sancionada pela cidade. Vários blogs e sites, feitos por pessoas comuns, passaram a fornecer detalhes sobre os locais e os designs.

Seguindo o exemplo do Japão, outras cidades asiáticas começaram empreendimentos parecidos, como é o caso de Dali Erhai, na China. Dali é uma cidade histórica e tem sido um ponto importante no desenvolvimento do turismo na região de Yunnan. De acordo com um artigo de 2023, publicado na SHS Web of Conferences, o Governo Popular da Província de Yunnan, em 2018, emitiu uma política para impulsionar o desenvolvimento regional. O projeto tinha a premissa que criar uma cidade ecologicamente agradável com montanhas bonitas e água limpa, que servisse como atração turística internacional e modelo de cidade civilizada e harmoniosa (TAO; LI, 2023).

Em 2022, a prefeitura de Dali Erhai anunciou o desejo de “destacar o valor geral da história e cultura de Dali e moldar a aparência da cidade, valorizando suas características étnicas” (TAO; LI, 2023, p.1). Uma das iniciativas do governo foi o Projeto do Corredor Ecológico, que percorre 129 quilômetros à beira do lago Erhai. Além de baixo impacto ambiental, o projeto aborda a relação entre a localidade e a construção contemporânea.

O espaço contou com um trabalho de embelezamento das tampas de bueiros, incorporando elementos da cultura regional na cultura local. Tao e Li (2023) apontam que a seleção de temas para os desenhos das tampas é baseada na cultura étnica regional; por exemplo, as tampas de bueiros adjacentes ao mar, aves e peixes da região de Erhai foram escolhidos como temas principais, já os

padrões Bai Zharan, representam padrões de bordado típicos dos grupos étnicos da região. O corredor funciona ainda como um museu a céu aberto, com QR codes que explicam as temáticas para os passantes de Dali Erhai.

Esta arte não é exclusiva das cidades asiáticas. Há tempo que Copenhagen (Dinamarca), Minnssota (EUA) e Vancouver (Canadá) vêm investindo em iniciativas relacionadas ao design de tampas de bueiro como forma de embelezamento das cidades, engajamento junto às comunidades locais, e incentivo à chamada economia criativa. Nestas cidades, há até concursos para a criação de desenhos para tampas de bueiros.

Identificar os ativos de uma região (história do bairro, da comunidade, da fauna/flora), entender o significado e interpretá-lo oferece para o designer gráfico ambiental a oportunidade de encontrar soluções criativas que representem uma cultura, junto a outros profissionais que pensam o espaço público como planejadores urbanos, engenheiros e arquitetos. Cultura é invisível até que a tornemos visível – essa é a aposta das cidades asiáticas que investem no design das tampas de bueiro.

Os exemplos do Japão e da China apontam o surgimento de um novo suporte para a arte urbana. Além disso, por serem destinos recentes para o turismo, cada uma dessas cidades a seu tempo, buscou trabalhar esses hardwares como peças importantes para a revitalização do espaço público e como forma de expressão da identidade e cultura locais – conceitos bastante operados pelos designers que trabalham com *place branding*⁴.

As tampas de bueiro, portanto, carregam inscrições históricas, artísticas – proposital ou não – e podem até ter uma dimensão estratégica para o turismo das cidades e engajamento com a população local. No entanto, esses efeitos só são percebidos a partir da experiência do caminhante.

Percorrer a cidade em busca de pistas, de forma errática, retomando em certo sentido as práticas situacionistas, traz uma abertura para interrupções, surpresas e descobertas artísticas. Fazer uma investigação dos aspectos comunicacionais da cidade é, em certo sentido, retomar as práticas de fazer cidade a partir do chão, como propunha Certeau. Enquanto a história, a arquitetura e o urbanismo constroem um amplo panorama do ambiente, os detalhes comunicacionais que a paisagem gráfica da cidade oferecem são os elementos que deixam mais à vista a ideia de lugar⁵. Assim, novos sentidos são mobilizados na percepção do mundo – e na ocupação do espaço também.

O design gráfico e a utilização da infraestrutura urbana existente podem tanto representar quanto mudar as percepções de uma comunidade, especialmente quando se considera o valor inerente na história de uma comunidade, ou região. De forma não planejada, as diferentes camadas comunicacionais da cidade acabam fornecendo pistas sobre ordenamentos e composições que, simultaneamente, abrigam diversas temporalidades em um mesmo espaço. É tecer a história da arte, com *a* minúsculo, como um fragmento da história da cidade.

4 *Place branding* é o nome que se dá a técnicas de Marketing empregadas no contexto de promoção de uma cidade como se ela fosse uma marca. Em geral, elegem-se alguns elementos da cultura local e, a partir disso, cria-se uma marca (brand), uma identidade visual, com o objetivo de promover este local como destino para o turismo internacional. Melbourne (Austrália) e Porto (Portugal) são alguns dos exemplos mais emblemáticos.

5 Coloca-se aqui uma diferença entre “espaço” e “lugar”, segundo a tradição de geógrafos como Santos e Tuan. Para ambos, os conceitos são interdependentes; “espaço” é mais abstrato do que “lugar”, ao mesmo tempo em que “lugar” é um “espaço” dotado de valor. Nas palavras de Tuan, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2015, p.13)

A geometria das tampas dos bueiros da cidade do Rio de Janeiro

A pesquisa sobre as tampas de bueiro da cidade do Rio de Janeiro foi fruto de algumas experiências de deriva e errâncias pela cidade. O mapeamento do percurso foi feito no aplicativo Google Maps, utilizando o GPS do relógio de pulso da marca Gamin A investigação partiu de uma inquietação sobre os pontos de vista dos pedestres e sobre o campo de visão do corpo que percorre a cidade, em geral, olhando sempre à frente e raramente para baixo. Buscando sair de uma linha de visão média de 1,60m do chão, chegou-se a este objeto de investigação (teórico-experimental). O levantamento tipológico das tampas ocorreu de forma assistemática, por meio de registros fotográficos, entre os meses de maio a julho de 2024, em trechos dos bairros do Flamengo e Catete (figura 2).

Figura 2



Fonte: Autora

O objetivo não era traçar um panorama histórico das marcas e indústrias da cidade, tampouco investigar o desenho tipográfico das palavras inscritas – muito embora seja possível de se fazer ambos a partir das mesmas fotografias⁶. Por exemplo, algumas tampas carregam inscrições como a sigla “CTB”, Companhia Telefônica Brasileira, que existiu entre 1923 e 1976; ou ainda “Prefeitura do Distrito Federal” (figura 3), que aponta não apenas para a época em que o Rio de Janeiro foi capital federal, mas também para uma fundição anterior a 1931 – ano do acordo ortográfico que aboliu o “c” mudo.

⁶ Paralelamente a pesquisa, tomou-se conhecimento de um vídeo do estudante de direito Thiago Süsskind ficou famoso na internet ao tratar do mesmo assunto em uma pesquisa histórica a partir da grafia de alguns bueiros da mesma região. Disponível em: <https://diariodorio.com/a-historia-do-rio-de-janeiro-contadapelos-bueiros-da-cidade/>. Acesso em 30 de agosto de 2024.

Figura 3



Fonte: fotografia da autora

A pesquisa, contudo, tinha como objeto os padrões visuais, ou seja, os elementos não-verbais desenhados nestes objetos. Tomando como base a publicação “Overlooked” (WILLER, 2016), o mapeamento visava buscar os aspectos gráficos não-verbais das tampas de bueiro cariocas.

Ao longo dos meses de registro, as imagens apontaram para padrões mais ou menos comuns, conforme descrito na tabela abaixo. Dentre os mais comuns, destacam-se grades de *waffles*, quadrados radiais, losangos ou retângulos em linha etc. (figura 4). Já dentre os menos comuns, destacam-se padrões como: trilhas hexagonais de colmeia, estrelas radiais, e até padrões que lembram ondas e desenhos tipográficos (figura 5).

Tabela 1

Tipologia / Formato da tampa	Redondo	Retangular
Grades de waffle	66	372
Quadrados radiais	166	
Círculos concêntricos (contínuo ou com interrupções)	150	
Losangos ou retângulos em linha	38	60
Trilha hexagonal (colmeia)	8	
Listra		16
Estrela radial	4	
Padrão semi-tipográfico	10	
Padrão circular (<i>petit pois</i>)	12	1
Híbrido (mais de um padrão)	42	40
Apenas logo (elemento tipográfico)		32
Outros	8	22

Fonte: Autora

Figura 4



Fonte: fotografias da autora

Figura 5

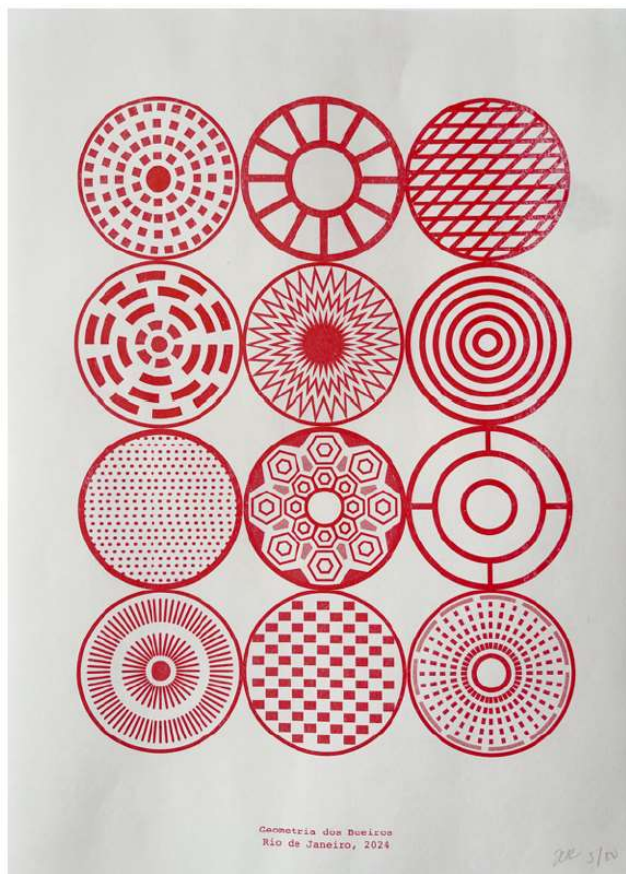


Fonte: fotografias da autora

Para fins experimentais, a pesquisa fotográfica foi organizada em um poster, combinando alguns dos padrões mais frequentes com outros menos comuns, apenas das tampas redondas por oferecerem uma riqueza visual maior – conforme tabulação (tabela 1). Em formato A3, o trabalho foi impresso em risografia (figura 5), técnica que produz algumas imperfeições, inerente ao processo de impressão. Tais imperfeições trazem similaridades com o desgaste que as tampas de bueiros sofrem ao longo do tempo, devido ao atrito na sua superfície dos pés de caminhantes e de rodas de veículos. O trabalho, exibido em junho, na Ocupação EAV (Parque Lage, Rio de Janeiro), destaca os aspectos visuais e geométricos dos desenhos.

A investigação visual deixa claro que a paisagem gráfica da cidade pode servir como inspiração para o desenvolvimento artístico, ao mesmo tempo em que aponta para o potencial visual de um objeto mundano, que carrega em si tanto materialmente quando metaforicamente diversas camadas de cidade. Além disso, o mapeamento revela um potencial criativo-comunicacional deste artefato tão comum e ao mesmo tempo negligenciado pela história e cultura em geral.

Figura 6



Fonte: poster criado pela autora

Considerações finais

As tampas de bueiro, objetos mundanos de ferro fundido, portais para a estrutura subterrânea de um município, com um olhar atento, tornam-se artefatos culturais dentro das cidades. Exemplos relativamente recentes, demonstram que as tampas de bueiro podem comunicar mais do que aspectos técnicos para os trabalhadores da infraestrutura subterrânea, eles podem ser um espaço comunicacional de elementos da identidade cultural e histórica em um povoado ou região (MELNICK, 1974, 1994; CAMEROTA, 2010; TAO; LI, 2023).

Em um cenário hipotético e especulativo, caso fosse feita uma grande reforma no Rio de Janeiro, seguindo o modelo do Japão, esses objetos poderiam se tornar instrumentos de valorização e de criação de uma cultura visual regional, operando um chamariz turístico não só para visitantes, mas também para que moradores pudessem explorar e aprender sobre a cidade – como uma caça ao tesouro histórico que convidaria as pessoas a explorarem a cidade a pé. Combinados com tecnologia de

realidade aumentada – como a presente no jogo PokemonGo! –, por meio de *beacons* inseridos nas tampas de bueiro, passeios inteiros também poderiam se tornar parte da história da cidade, e tudo o que o usuário precisaria seria de seu smartphone. Seria o sonho do designer funcionalista na era das cidades inteligentes.

Isso pode ser uma opção para cidades mais abastadas – especialmente aquela do sudoeste asiático que querem atrair novos turistas internacionais. Através da criação de pontos de interesse, da melhoria da estética urbana, do fomento à identidade e cultura local, da promoção de atividades culturais e eventos, e da integração da arte no design de mobiliário urbano, projetos como os apresentados mostram como a arte pode estimular a vivência da cidade por pedestres.

Contudo não é preciso ir tão longe para apreciar e até dotar de valor as tampas de bueiro da cidade. Certamente um dos elementos mais presentes da infraestrutura urbana e menos pelos pedestres, as tampas de bueiro possuem características visuais que as tornam artefatos culturais em si. Ademais, eles podem operar como um convite ao caminhar, contribuindo não apenas para a qualidade de vida das pessoas e para a mobilidade urbana, como também para a retomada de outras práticas de fazer cidade.

Embora o mapeamento tenha por si um valor documental, podendo se desdobrar em pesquisas históricas, experimentais, artística etc., o que o artigo buscou demonstrar é que o ato de caminhar é um ato de abertura para a construção de outras experiências de cidade. As artes gráficas estão presentes em diversos aspectos comunicacionais da cidade, que se dão a ver todos os dias, basta olhar.

Por fim, a criação experimental do pôster serve como demonstração da *poiesis* e da poética urbana, buscando desestabilizar o estado de anestesiamento contemporâneo. A abertura para uma experiência aberta, para a partilha do sensível e para uma compreensão das diversas camadas de história da cidade coloca em jogo outra experiência de subjetividade e outra relação com o espaço e com o tempo.

Referências bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

BAINES, Phil. **Signs: lettering in the environment**. Londres: Laurence King, 2008.

CAMEROTA, Remo. **Drainspotting**. New York: Mark Batty Pub, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: el andar como práctica estética**. Barcelona: Editorial gg, 2014.

CARERI, Francesco. Transurbância+ Walkscapes ten years later. In: **Redobra**. Tradução de Federico Bonaldo, n. 11, p. 235-247, 2013.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano – Artes do fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DRAINSPOTTING BY REMO CAMEROTA. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/books/gallery/2010/jun/09/drainspotting-remo-camerota>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

ELLER, Emerson Nunes. **Letras do cotidiano: a tipografia vernacular na cidade de Belo Horizonte**. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

FINIZOLA, Fátima. **Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares**. São Paulo: Editora Blucher, 2010.

GEHL, Jan. **Cities for people**. Washington: Island Press, 2010.

HOLERT, Tom; MENDE, Doreen. **Navigation beyond vision**. Londres: Sternberg Press, 2023.

IRONCLAD ART CHALLENGE: EXPRESSING OUR SPIRIT, VALUES, AND VISION FOR A SUSTAINABLE FUTURE. Disponível em: <https://vancouver.ca/parks-recreation-culture/ironclad-art-maintenance-hole-coverdesign.aspx>. Acesso em 26 de outubro de 2024.

ITDP; GEHL ARCHITECTS. **As cidades somos nós – 10 princípios para a mobilidade urbana**. Rio de Janeiro: Livro da exposição, 2011

JACQUES, Paola Berenstein. **Breve histórico da Internacional Situacionista – IS**. Arquitectos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. 2003
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/03.035/696>>.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JONG-YOUNG, Yoon. **A Study of Methods to Foster Manhole Cover Design-Focused on manhole cover designs in “Streets of History and Culture”**. Archives of design research, v. 19, n. 3, p. 167-182, 2006.

KONKURRENCE: DESIGN ET BRØNDØÆKSEL. Disponível em:
<https://jv.dk/indland/konkurrence-design-et-broenddaeksel>. Acesso em 26 de outubro de 2024.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

MANHOLE COVER ART, "HAIL MINNESOTA," (SCULPTURE). Disponível em:
https://www.si.edu/es/object/manhole-cover-art-hail-minnesotasculpture:siris_ari_321701. Acesso em 26 de outubro de 2024.

MANSFIELD, Shawna J. **Manhole Covers, Cultural Artifacts and Sense of Place**. 2019. Tese de Doutorado. Savannah College of Art and Design (SCAD).

MELNICK, Mimi, and Robert A. Melnick. **Manhole covers of Los Angeles**. Los Angeles: Dawson's Book Shop, 1974.

MELNICK, Mimi, and Robert A. Melnick. **Manhole Covers**. Cambridge: The MIT Press, 1994.

OCUPAÇÃO EAV. Disponível em: <https://eavparquelage.rj.gov.br/acontece/ocupacaoeav-3>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

OVERLOOKED. Disponível em: <https://www.pentagram.com/work/overlooked/story>. Acesso em 08 de agosto de 2024.

OVERLOOKED 2.0: INSPIRED BY LONDON'S UTILITY HOLE COVERS. Disponível em:
<https://www.creativeboom.com/inspiration/overlooked-20-inspired-by-londons-utility-hole-covers/>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

PENTAGRAM PAPERS 45: OVERLOOKED. Disponível em:
<https://www.pentagram.com/work/pentagram-papers-45-overlooked/story>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

PEREIRA, Natália Cristina Rodrigues; AMORIM, CRTC. Design vernacular como potencialidade de comunicação na Amazônia urbana. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2016.

PORTO, Bruno. **Memórias Tipográficas**. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2003

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **How to turn a place around: A handbook for creating successful public spaces**. Project for Public Spaces, 2000.

RAUBDRUCKERIN. Disponível em: <https://raubdruckerin.de/pages/story>. Acesso em 08 de agosto de 2024.

SALVADO, João Pedro Ferreira; MARTINS, Ana Maria Tavares; NEPOMUCENO, Miguel Costa Santos. From Popular to Contemporary: a Review on Portuguese Vernacular Architecture. In: **4th International Conference on Preservation, Maintenance and Rehabilitation of Historic Buildings and Structures (REHAB 2019)**. Green Lines Institute for Sustainable Development, 2019. p. 389-397.

SEDG. Disponível em: <https://segd.org/>. Acesso em 08 de agosto de 2024.

SCHWANBECK, Andrew T. **Environmental Graphic Design Changing the Perceptions of Divided Communities through Cultural and Social Connectivity**. 2013. Dissertação de Mestrado. Kent: Kent State University.

TAO, Rulin; LI, Liping. **A case of public landscape design for a small city-Dali Erhai Ecological Corridor manhole covers beautification project**. In: SHS Web of Conferences. EDP Sciences, 2023. p. 01019.

TILL, Joy Helena Worms. **Paisagem Gráfica da Cidade: Um Olhar sobre o Rio de Janeiro**. 2014. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015. [livro eletrônico].